

Missionário migrante – teólogo militante José Comblin: O retorno do enviado do Pai

Migrant missionary - militant theologian
José Comblin: the return of the envoy of the Father

Paulo Suess¹

Resumo

Este trabalho, inicialmente, reconhece e identifica o Pe. Comblin instruindo e testemunhando como ser autenticamente humano. Ele é descortinado como beato, peregrino, mestre e teólogo de grande lucidez e sensibilidade. O texto o apresenta como um “Enviado do Pai” que viu em Medellín o surgimento de uma Igreja dos pobres. Vislumbra um Comblin que trouxe de cada uma de suas estações biográficas experiências de Deus, enraizadas na vida do povo. Afirma que o mesmo reconheceu e valorizou inúmeros “pequenos profetas” que nunca entraram oficialmente na história. Seu método era forjar a teologia a partir da vida concreta dos pobres.

Palavras-chave: Peregrino. Profeta. Professor. Enviado do Pai. Igreja dos pobres.

Abstract

This work initially recognizes and identifies Father Comblin's work as an instructor and role model on how to be truly human. He is bold as a leader, pilgrim, teacher and theologian of great clarity and sensitivity. This text presents him as a envoy of the Father, a person who saw in Medellin the emergence of a Church of the poor. Envisions a Comblin that brought each of its stations biographical experiences of God, rooted in people's lives. It states that he recognized and appreciated many "small prophets" who never officially entered the story. His method was to forge theology from the concrete life of the poor.

Keywords: Pilgrim. Prophet. Teacher. Envoy of the Father. Church of the poor.

¹ Paulo Suess nasceu na Alemanha. É doutor em Teologia Fundamental pela Westfaelische Wilhelms-Universitaet Muenster (1977), com um trabalho sobre Catolicismo popular no Brasil. Em 1987 fundou o curso de Pós-Graduação em Missiologia, na Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo, onde foi coordenador até o fim de 2001. Recebeu o título de Doutor honoris causa, das Universidades de Bamberg (Alemanha, 1993) e Frankfurt (2004). É assessor teológico do **Conselho Indigenista Missionário - Cimi**, bem como professor no ciclo de pós-graduação em Missiologia, no Instituto Teológico de São Paulo – ITESP e professor convidado de várias instituições acadêmicas nacionais e internacionais, atuando principalmente nas seguintes áreas: Missiologia, história, cultura, religiosidade popular, pastoral. Entre suas publicações, destaca-se o **Dicionário da Evangelii gaudium**. 50 palavras-chave para uma leitura pastoral. São Paulo, Paulus, 2015. Blog: <http://paulosuess.blogspot.com> Email: suesspaulo@gmail.com

José Comblin – Três em um

Peregrino, profeta, professor,
sempre três em um,
memória ambulante, missionário, mediador;
com passo lento e voz mansa
ordena tempos, tece redes, cata ventos;
posseiro militante do tempo que ara,
traz de cavernas remotas
notícias de vida e sobreviventes.

Romeiro entre Santiago e Recife,
Padre-mestre de Talca, Barra e o mundo,
testemunha sem ruído,
beato, como Cáppio e Ibiapina,
peregrino na selva da história,
e veleiro que do alto mar
traz a tempestade como se fosse
a brisa suave da tarde.

Lutaste por terra para viver,
Porque a vida só se
dá para quem se deu, para quem amou,
para quem lutou, para quem sofreu.
Sonhaste vinho e pão,
divina energia repartida,
porque todos os seres
têm direito à vida.

Neste tempo em que o sol está baixo
e anões fazem sombras de gigantes
não coube em nada e nada lhe coube;
indignação contida, discordância drenada
na represa da mansidão do povo.
José, não do Egito, mas sonhador como este,
na cisterna e na via láctea,
entre desespero e esperança.

Um dos livros mais belos de José Comblin é "O Enviado do Pai", sobre a centralidade da missão no Evangelho de S. João. Comblin fez de sua vida e de sua teologia um desdobramento dessa centralidade da missão. O livrinho é um *vade-mécum* missionário que nos mostra em Jesus "um novo modo de ser humano, ou, melhor dito, o modo de ser autenticamente humano".

José Comblin era um dos homens e teólogos mais autênticos que conheci, quando estudei em Lovaina, mais tarde como colega em São Paulo, como missionário entre grupos populares e como teólogo em simpósios. Em Medellín, no Congresso dos 40 anos da "Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano", em 2008, encontrei Comblin uma última vez. Lá

ele dizia: "Os bispos de Medellín foram os fundadores da Igreja latino-americana como Igreja particular, que deixou de ser uma cópia das Igrejas europeias". Segundo Comblin, Medellín constituiu um fato extraordinário porque seu foco era a missão da Igreja como serviço ao e no mundo. Medellín assumiu o famoso "Pacto das Catacumbas" de alguns bispos durante o Vaticano II, que representava o compromisso de fundar uma Igreja dos pobres. O horizonte das discussões de 1968 não era a instituição eclesial, mas o Evangelho. Medellín era o berço da Teologia e Pastoral da Libertação. Depois de sua palestra, um aceno significativo que parecia dizer: adeus Medellín, adeus companheiros e companheiras.

Figura 1: Aceno do Pe. Comblin em Medellín



Fonte: arquivo do autor

Hoje não sinto nenhum constrangimento de chamar José Comblin o "enviado do Pai", que veio incomodar-nos. Ele sabia, quando, em 1958, foi enviado da Bélgica para a América Latina que não vinha para uma

missão diplomática de um Núncio. Seu mandato era o *anúncio* precedido por uma nova prática pastoral. Comblin incorporou no padre-mestre, que era, o beato e peregrino nordestino.

Caminhada e movimento, palavras-chave de sua biografia, o levaram para Campinas, São Paulo, Santiago do Chile, Recife, Camaragibe (PE), Quito, Riobamba, Lovaina, Talca, Serra Redonda (PB), Bayeux (1995), na periferia de João Pessoa (PB), e, finalmente, para Barra (BA). Todo ano marcava presença em nosso curso de pós-graduação em Missiologia, de São Paulo. Provocava os estudantes (padres!) com sua ênfase ao laicato, com seu espírito libertário paulino, com sua radicalidade missionária de andarilho e sua autenticidade vivencial. Com o sorriso manso de posseiro militante, desnudou ideologias travestidas de verdades eternas.

Sempre aluno e professor, guiado pelo Espírito e a Palavra de Deus, trouxe de cada uma de suas estações biográficas experiências de Deus, enraizadas na vida do povo. Soube transformá-las em experiência teológico-pastoral marcante – a mais notória delas, a “Teologia da Enxada”. A metodologia era sempre a mesma: Forjar a teologia a partir da vida concreta dos pobres, de seu trabalho e de sua mística, de sua alegria e de seu clamor. Sim padre Zé, aprendemos de você, que teologia descontextualizada é ideologia que defende interesses institucionais!

De cavernas remotas deste Continente, nosso peregrino das Américas trouxe notícias de vida ameaçada, de sobreviventes e de

mártires. Lutou quando era fácil ceder, denunciou, quando era esperado consentir. Seus discernimentos pastorais eram certos, seus prognósticos conjunturais, às vezes, pessimistas. O curso da história, cheio de surpresas dialéticas e voltas inesperadas, o desmentiu em várias ocasiões. José não era adivinho. Era professor e confessor, profeta e testemunha fiel. Quantas lutas teve de assumir por um poço de paz!

Dia 27 de março, no 3º Domingo da Quaresma, pelas 8:30 horas da manhã, José Comblin partiu para a sua Grande Viagem, como costumava dizer, e retornou à casa do Pai. Faleceu no pequeno sítio “Recanto da Transfiguração”, município de Simões Filho (BA), na periferia da metrópole de Salvador (BA). O “Recanto” é administrado por uma comunidade de leigas consagradas à Santíssima Trindade, muito amigas de José. A caminho de Salvador (BA), para fazer um exame médico de rotina, ficara no “Recanto”, que era a sua “Bethânia”. Chegou na quinta-feira, dia 24. Como historiador, certamente, se lembrara nesse dia de outro 24 de março, em 1972, quando foi expulso do Brasil. Desta vez chegou dois dias após celebrar seu 88º aniversário, na Barra (BA), sertão da Bahia. Na Barra, o profeta franciscano dom Luiz Cáppio, o teólogo José Comblin e a samaritana leiga, Monica Maria Muggler, constituíram uma comunidade teológico-pastoral trinitária. Nos últimos anos, quando alguém

perguntava: "Oh padre Zé, como vai o senhor?", ele respondia: "À sombra de um santo como dom Cáppio, eu só posso estar muito bem!".

Hospedado num apartamento, na sacristia da capela do "Recanto da Transfiguração", no dia de sua "Grande Viagem", o peregrino fez a barba, como sempre, tomou seu remédio, colocou o relógio e abriu as duas portas de passagem para a capela e o jardim. Logo retornou. Monica, que o viu do outro lado do jardim, logo veio com um guarda-chuva, pois garoava. Chamou: "José!" – silêncio. Adentrou até o quarto e lá estava José sentado na cama, inerte. Mais tarde, o cardiologista constatou uma embolia cerebral. Morte instantânea. Na hora do crepúsculo, dom Cáppio convidou a celebrar a Eucaristia de corpo presente. Com um sorriso velado nos lábios, José irradiava paz. Terça-feira, dia 28, foi sepultado no município de Solânea (PB), ao lado do

padre-mestre Ibiapina, como era seu desejo.

Um dos seus últimos livros sobre "A profecia na Igreja", José Comblin terminou assim: "Eu estou no final da vida. Tive o privilégio de conhecer de perto e de participar da vida de grandes profetas e também de muitos pequenos profetas, homens e mulheres, que não entraram oficialmente na história. Desejo que muitos jovens possam fazer a mesma experiência".

Deus foi bom com seu servo justo e fiel. O acolheu para a Páscoa definitiva, num Domingo, dia da ressurreição. Chamou o peregrino cansado, sentado, desde um "Recanto da Transfiguração" e um município, Simões Filho (BA), em cujo brasão está inscrito: *Angelus Pacis*, Anjo da Paz. Na sua grande travessia, o enviado do Pai, o padre-mestre José, peregrino e guerreiro, não estava sozinho. Foi acompanhado pelo Anjo da Paz.

Trabalho recebido em: 02/11/2014.
Aceito para publicação em: 03/02/2015.